Memórias da ditadura Argentina: Laura Alcoba e Margarita Drago

Joelma de Araújo Silva Resende

**Considerações iniciais**

A América Latina desde a colonização tem apresentado cenário político conturbado. Seja através da escravização, exploração de matérias-primas e massacre da própria cultura, a dominação do continente por europeus persistiu por muitos anos. Com os movimentos emancipatórios, o foco de dominação mudou; a própria América passou a exercer esse papel. Assim, surgiram os movimentos populares, que foram reprimidos violentamente em diversos países.

A ditadura argentina foi uma das mais violentas da América Latina; entre 1976 e 1983, mais de 30 mil pessoas passaram pelos 362 campos de concentração e extermínio na Argentina. Dentre essas pessoas, estavam militantes políticos, ativistas sociais ou simplesmente testemunhas dos sequestros diários. Muitos deles nunca mais apareceram. Seus filhos foram criados por familiares ou foram também sequestrados, como seus pais. Muitas mulheres que sofreram durante esse período, resolveram escrever textos sobre o que viveram.

Para investigar a escrita feminina sobre esse período será feita a análise dos textos *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba e *Fragmentos de la memoria: recuerdos de una experiencia carcelaria*, de Margarita Drago. Laura Alcoba presenciou a ditadura argentina quando tinha somente sete anos e escreve suas memórias desse período truculento e ditatorial da história argentina e Margarita Drago é uma professora que foi presa porque defendia a educação para a liberdade.

Para fundamentar esse estudo são utilizados os textos de Coggiola (2001), que apresenta o contexto histórico retratado nessa investigação e Seligmann-Silva (2000) que escreve sobre o trauma.

**A ditadura argentina**

De acordo com Coggiola (2001), na Argentina, comandado por Juan Carlos Onganía, o Exército tomou o poder do país em 28 de junho de 1966. Os governos civis que sucederam o general Peron (exilado na Espanha) sofriam de grande instabilidade política e viraram reféns das Forças Armadas.

Com o golpe militar, as universidades perderam a autonomia e a violência era utilizada para reprimir toda e qualquer oposição. A Igreja penetrou em todos os setores do sistema educacional com o objetivo de purificar moralmente a educação no país. Na economia, o desemprego aumentou e a mão-de-obra continuou superexplorada como nos governos anteriores; a produtividade cresceu e os salários caíram. A indústria cresceu 5,5% ao ano, com destaque para os setores de metalurgia básica, maquinaria e química.

Em 29 de maio de 1969, mecânicos, eletricistas, metalúrgicos e estudantes uniram-se em uma greve geral e enfrentaram policiais, que abandonaram a cidade no início da tarde. Porém, no final do dia retornaram, retomando o controle e assassinando dezenas de pessoas. No dia seguinte, o país parou em uma greve geral e aí iniciou-se a situação revolucionária que durou de 1969 a 1976.

O Processo de Reorganização Nacional na Argentina consistiu no extermínio de uma parte da população. Mais de um milhão de pessoas saíram do país como opção de fuga à repressão e à miséria. Foram no mínimo 10 mil pessoas assassinadas e a justificativa era o combate à corrupção e à subversão. Em 1976, a guerrilha já estava derrotada. A Igreja Católica foi cúmplice de todo esse massacre.

O fim da ditadura argentina só foi possível graças a um complexo processo político de âmbito internacional. O governo Carter (eleito nos Estados Unidos em 1976) possuía uma política de “direitos humanos” que pressionava por uma institucionalização das ditaduras latino-americanas; por outro lado, a crise econômica mundial e a resistência social só aumentavam. Isso levou a uma crise dos regimes reacionários e de todo o sistema de dominação continental.

Na Argentina, a luta contra a ditadura entrou em fase decisiva com a greve de 30 de março de 1982. No cenário internacional, Argentina e Inglaterra estavam em guerra pelas Malvinas; os Estados Unidos optaram por apoiar a Inglaterra, que teve sua frota vitoriosa. No ano de 1983, houve campanha eleitoral na Argentina: “A desmoralização nacional deixou o verdadeiro vencedor da guerra das Malvinas, os Estados Unidos, como árbitro da política argentina” (COGGIOLA, 2001, p. 83). Foi eleito Raúl Ricardo Alfonsín e a Junta Militar assinou a ata de sua dissolução.

**Memórias de Laura Alcoba e Margarita Drago**

Em *La casa de los conejos* Laura inicia o livro com reflexões sobre o momento mais adequado para escrever o livro. Tinha prometido a si mesma que escreveria, mas quando? Quando ficasse muito velha? Sozinha? Queria evitar perguntas sobre o porquê de estar remoendo tudo aquilo. Certo dia, ao voltar à Argentina com sua filha em 2003, revendo lugares e encontrando pessoas, decidiu que havia chegado o momento de narrar toda a loucura argentina que estava em sua memória.

Laura e sua mãe haviam mudado recentemente de casa e esta decidiu explicar o motivo da mudança: os Montoneros (organização politico-militar que fazia parte da esquerda do movimento peronista) deveriam se esconder. Os membros da Alianza Anticomunista Argentina estavam à procura dos militantes para fazê-los desaparecer, por isso, eles deveriam se refugiar e passar a viver clandestinamente. Laura compreendia tudo que a mãe falava e, por segurança, foi morar com os avós e passava de 2 a 3 meses sem vê-la. Desde muito pequena, habituou-se às ausências dos pais. Quando foram presos pela primeira vez, Laura tinha apenas 4 anos. Depois de passar uns meses com os avós, a mãe reapareceu para que pudessem morar juntas novamente, juntamente com um casal e duas crianças. Laura tentou viver normalmente, brincando com as outras crianças, sem falar sobre a situação que estavam vivendo e a clandestinidade. Depois de passarem um tempo nessa casa, foram morar com outro casal, Cacho y Didí. Essa casa foi construída para esconder uma obra, que era o plano principal dos Montoneros: um quarto secreto para que pudessem esconder os periódicos que produziam. Para disfarçar a movimentação no local, foi construído um galpão onde foram colocadas dezenas de jaulas destinadas a coelhos.

Em relação à situação do país, era março de 1976 e a Presidente Isabel Perón havia perdido o controle do governo. Havia três candidatos a ditador: Videla (Exército), Massera (Marinha) e Agosti (Força Aérea). Os golpistas levaram Isabel para a prisão e a nova junta prometeu colocar o país em ordem. Nesse contexto, a mãe de Laura foi para a França de maneira clandestina. Laura ficou com os avós, pois seu avô queria que ela saísse da Argentina de maneira legalizada. O processo foi lento, mas deu certo e Laura foi morar com a mãe. Em novembro de 1976, a casa onde Laura morou com a mãe, Cacho e Didí foi alvo de tiroteios. Didí morre, a bebê do casal desaparece e Cacho não estava na casa no momento do massacre, mas foi assassinado 8 meses depois pelas forças militares. Percebe-se que o trauma é determinante na escrita de Laura Alcoba, pois são essas memórias traumáticas que impulsionam sua escrita, como se percebe no fragmento:

e preguntarás, Diana, por qué dejé passar tanto tempo sin contar esta historia. Me había prometido hacerlo un día, y más de una vez terminé diciéndome que aún no era el momento.

Había llegado a crer que lo mejor sería esperar a hacerme vieja, y aun muy vieja. La idea me resulta extraña ahora, pero durante largo tempo estuve convencida.

Debía esperar a quedarme sola, o casi.

(...) Y luego, un día, ya no pude tolerar la idea. De pronto, ya no quise esperar a estar tan sola ni a ser tan vieja. Como si no me quedara tempo.

(...)

Aquí estoy.

Voy a evocar al fin toda aquella locura argentina, todos aquellos seres arrebatados por la violência. Me he decidido, porque muy a menudo pienso em los muertos, pero también porque ahora sé que no hay que olvidarse de los vivos. Más aún: estoy convencida de que es imprescindible pensar em ellos. Esforzarse por hacerles, también a ellos, un lugar. Esto es lo que he tardado tanto en compreender, Diana. Sin duda por esohe demorado tanto.

Pero antes de comenzar esta pequeña historia, quisiera hacerte una última confesión: que si al fin hago este esfuerzo de memoria para hablar de la Argentina de los Montoneros, de la ditadura y del terror, desde la altura de la niña que fui, no es tanto por recordar como por ver si consigo, al cabo, de uma vez, olvidar un poco. (ALCOBA, 2009, p. 11-12)

Seligmann-Silva (2000) ao abordar o trauma, “uma ferida na memória” (p. 84), discute a ideia que, ao escrever sobre o que viveu, o traumatizado busca libertação, almeja esquecer o que passou; a escrita torna-se, assim, uma rota de fuga. Ele afirma que tanto

o testemunho deve ser visto como uma forma de esquecimento, uma "fuga para frente", em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também, por outro lado, busca-se igualmente através do testemunho, a *libertação* da cena traumática (p. 90).

Na visão de Seligmann-Silva (2000), falar ou escrever sobre o trauma vivido pode trazer a libertação tão desejada; o traumatizado sentirá alívio por colocar para fora todo seu sofrimento e assim acontecerá o processo catártico. Acredita-se que essa catarse pode acontecer ou não, devido a fatores como o tipo de trauma sofrido, o acesso ou não à assistência psicológica, auxílio da família e amigos e os mais variados contextos externos e internos podem influenciar nessa libertação.

Essa tentativa de libertação do trauma ocorre com Laura Alcoba. Ao escrever suas memórias, ela procura se libertar das experiências traumáticas que viveu durante a ditadura argentina. Direciona seus pensamentos para Diana, a Didí, na tentativa de fuga, para enfim, poder viver sem apego ao passado.

Em *Fragmentos de la memoria: recuerdos de una experiencia carcelaria* Margarita Drago relata sua experiência no contexto ditatorial. Ela nasceu em Rosario, província de Santa Fé, no ano em que Juan Perón assumiu a Presidência da Argentina. Todos os membros de sua família se identificavam com o Peronismo (expressão criada em referência ao Presidente Juan Domingo Peron), mas não eram fanáticos, apenas concordavam com sua proposta para a classe operária. Com o tempo, surgem as críticas ao presidente porque Margarita percebeu que, por mais que os menos favorecidos trabalhassem, sua situação financeira não melhorava.

Quando estava prestes a concluir seus estudos no Colégio Imaculada Conceição, ela foi convidada para ser professora em uma escola paroquial e se entregou completamente ao ofício e a escola cresceu de forma incrível. Depois de três anos, o estabelecimento foi reconhecido pelo governo provincial e, para celebrar o acontecimento, foi feita uma cerimônia em que os militares do Segundo Corpo do Exército levavam uma bandeira bordada em ouro. Margarita Drago foi designada para receber a bandeira de quem mais tarde seria responsável por sua perseguição e prisão, além do desaparecimento e morte de tantos cidadãos.

Nessa época, Margarita estudava Letras na Faculdade de Filosofia e Letras de Rosário e sua rotina estava muito cansativa. A responsável pela escola onde trabalhava não queria que os professores estudassem e cobrava dedicação integral à escola. Nessa época, final da década de 60, as ideias libertárias de Che Guevara passaram a influenciar a América Latina e a população começou a se rebelar contra governos ditatoriais. Com o tempo, Margarita passou a questionar seu papel como educadora e a estudar a realidade argentina. Na escola, começou a participar de uma associação de educadores e a reivindicar melhores condições de trabalho. As ideias de Paulo Freire eram seu guia – o de um ensino baseado na liberdade e na democracia. Por essas ideais, Margarita foi perseguida e presa no dia 24 de outubro de 1975. Na prisão, resistiu e nunca mostrou arrependimento pelas ideias que defendia; foram cinco anos de sofrimento e resistência junto as suas companheiras. Em 9 de julho de 1980, dia da independência argentina, saiu uma lista com os nomes de quem sairia da prisão. O nome de Margarita apareceu no final da lista, junto com os nomes daqueles que deveriam sair do país. No dia 3 de setembro de 1980, às 10 horas da noite, Margarita saiu da prisão, de onde foi levada direto ao aeroporto, com destino aos Estados Unidos.

A família de Margarita Drago simpatizava com o Peronismo, mas tinha senso crítico para avaliar os pontos negativos do governo. E assim ela cresceu, sempre fazendo análises das ações governamentais e criticando, principalmente, as ausências do governo em relação às questões sociais:

Aunque todos en mi entorno daban su voto al peronismo, yo me mostraba en desacuerdo, no porque entendiera de política, no porque desaprobara un proyecto en beneficio de los necesitados, sino porque veía que, en realidad, la vida de los menos afortunados nunca se equiparaba con la de los que lo poseían todo (DRAGO, 2007, posição 50).

O senso crítico de Margarita Drago em relação à educação só aumentou com o passar dos anos; tornou-se professora, iniciou o curso de Letras na Faculdade e passou a acreditar cada vez mais que, através da educação, a população poderia desfrutar de uma vida mais digna e com mais oportunidades: “Iluminadas por las ideas de Paulo Freire, que tanta resonancia tuvieron desde el comienzo en Argentina, nos proponíamos educar para la libertad, y hacer de la escuela un espacio de concientización social”. (DRAGO, 2007, posição 88). Porém, segundo ela, a consciência política ainda era limitada; só depois que começou a estudar a realidade argentina, incentivada por amigos, é que passou a defender efetivamente os princípios de liberdade e justiça:

Mi conciencia política en esa época era limitada. Aun cuando estaba de acuerdo con la reivindicaciones estudiantiles y me inclinaba por la izquierda socialista, no participé en las luchas universitarias. Motivada por amigos y compañeras de trabajo y de la facultad, comencé a estudiar la realidad social argentina y a cuestionar mi papel como educadora comprometida con la comunidad, y defensora de los principios de libertad, justicia e igualdad (DRAGO, 2007, posição 100).

Segundo Margarita, em circunstâncias como essa em que seu país vivia, uma vez despertada a consciência, não há como seguir outro caminho senão o da luta. Depois de abrir os olhos, não há como fechá-los e tentar fingir que não se vê que pessoas estão sendo torturadas e assassinadas. Milhares de vidas foram destruídas e a mulher, uma vez desperta para a realidade, não foge à luta. Ela resiste, arrisca-se. Margarita Drago não fez diferente; apesar do medo, prosseguiu. Antes da prisão, sentiu-se constantemente vigiada e perseguida, seu estômago sofria diariamente com a gastrite. O médico receitava calmantes, mas ela não tomava, pois sabia que não tinha problema nos nervos. O problema era o medo; essa era a causa dos seus desequilíbrios:

Yo no podía debatir con el miedo. Tenía que seguir, no me podía echar atrás. Además, en tales circunstancias no había muchas opciones, o escogía el camino de la lucha o el de la renuncia, y una vez embarcada en la lucha, ya era muy difícil abandonarlo todo (DRAGO, 2007, posição 194).

Margarita sempre relembra o quanto suas companheiras de cela ajudaram principalmente a como resistir àquele momento tão duro de maneira menos sofrida. Conversavam sobre suas vidas, liam juntas, trocavam conhecimentos, e principalmente se fortaleciam em seus ideias de luta por uma vida mais justa. Margarita amadureceu seu pensamento, tanto através da leitura dos livros, como também da leitura que fazia nos momentos de compartilhamento de ideias com suas companheiras de cela. Ela pode compreender melhor o que desejava e qual as formas possíveis de se buscar isso.

Tal vez, gracias a esos espacios de silencio y reflexión, individual y compartida, fui modificando mi manera de pensar. En ese tempo comprendí que ser revolucionaria era más que empuñar un fusil y agitar una bandera. Entendí que la revolución no estaba reñida con el arte, por ejemplo, ni con las cosas sencillas de la vida. Con María Julia llegamos a la conclusión de que lo único que podría distinguirnos de la gente común era nuestra sensibilidad y compromiso con el dolor ajeno, en especial con el de los menos afortunados. En lo demás, pensábamos, debíamos ser seres corrientes y con una gran capacidad para amar la vida. Como el Che, creíamos que en la guerra se necesita tener la mente muy fría, sin que esto signifique endurecer el corazón (DRAGO, 2007, posição 798).

**Considerações finais**

O que se percebe, a partir das leituras realizadas, é que a mulher pode ser também um agente de transformação social, apesar de todos os empecilhos que encontra, sejam os seus medos, a sociedade patriarcal, representados pela família, instituições governamentais ou religiosas. A mulher, com o tempo, foi ocupando esse espaço de ação social, recusando-se a ser mero objeto.

Essa ação social pode ser desde o ato de escrever, pois no caso de Laura Alcoba, que vivenciou a ditadura quando era apenas uma criança, foi possível ultrapassar a barreira do trauma através da própria escrita. Ao vencer essa barreira, ela trouxe ao conhecimento de todos, ações de coragem e luta pela liberdade que não podem ser esquecidas.

Margarita Drago também utiliza sua escrita para externar a violência cometida durante a ditadura argentina. Através de seu texto, ela mostra não só o que ela viveu, mas também a luta de muitas outras mulheres que estiveram presas com ela.

Percebe-se que o registro das memórias de experiências traumáticas é fundamental para que não haja esquecimento e para que se busquem formas de impedir que tempos sombrios ocorram novamente.

**Referências**

ALCOBA, Laura. **La casa de los conejos**. Tradução: Leopoldo Brizuela. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

COGGIOLA, Oswaldo. **Governos militares na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2001.

|  |
| --- |
|  |

DRAGO, Margarita. **Fragmentos de la memoria:** recuerdos de una experiência carcelaria (1975-1980). Nueva York: Editorial Campana, 2007. Edição Kindle.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo:Escuta, 2000.